REVISTA FILOTEOLÓGICA
REVISTA DA FACULDADE CATÓLICA DE FEIRA DE SANTANA

Dieu ne réponde pas: fragmentos de filosofia da religião em Albert Camus

God does not answer: fragments of philosophy of religion in Albert Camus

Bruno Rodrigues de Sales

Bacharel em Filosofia pela Faculdade Claretianos

sem.bruno18@gmail.com

https://lattes.cnpq.br/9337988450438311

Resumo

O projeto tem como objetivo analisar a obra do escritor e filósofo franco-argelino, Albert Camus, buscando em seus escritos, comentários e entrevistas nos quais ele discorre sobre a religião e o conceito que ele tem da mesma. Num primeiro momento será analisado as suas principais obras, em seguida, tratar-se-á dos escritos pessoais e de obras menos conhecidas de sua juventude e maturidade. Em prosseguimento, serão feitas considerações para estabelecer uma hipótese sobre a composição de uma filosofia sobre a religião por Albert Camus. Por fim, será posto o termo blasfêmia como palavra-chave da filosofia da religião camusiana.

Palavras-chave: Religião. Absurdismo. Fragmentos. Blasfêmia.

Abstract

The aim of this project is to analyze the work of the French-Algerian writer and philosopher Albert Camus, looking at his writings, comments and interviews in which he discusses religion and his concept of it. Firstly, his main works will be analyzed, followed by his personal writings and lesser-known works from his youth and maturity. Next, considerations will be made to establish a hypothesis about the composition of a philosophy of religion by Albert Camus. Finally, the term blasphemy will be used as a key word in Camus's philosophy of religion.

Keywords: Religion. Absurdism. Fragments. Blasphemy

Introdução

Na grande sinfonia da história da humanidade estão presentes certos temas melódicos que se comportam como *cantus firmus* para o desenvolvimento do restante dos elementos; eles exercem a função de pressupostos para discussões e estudos que favorecem a complexificação do pensamento e o desdobramento de novos conhecimentos ou, para não escapar à metáfora, de novas melodias. Por exemplo: a política, a ética, a ciência e tantos outros. Entre esses temas se encontra a religião de uma forma bastante marcante se a considerar como a primeira forma de racionalização do mundo de vida perpetrado pelo ser humano em seus primórdios pré-históricos. Para muitos o ser religioso é parte constitutiva da humanidade: o *homo sapiens* é o *homo religiousus* e vice-e-versa.

Conteúdos de procedência religiosa sempre estiveram presentes nas discussões filosóficas. Isso ficou ainda mais evidente quando a filosofia da religião ganhou corpo e força durante os séculos XIX e XX. Depois disso, reflexão filosófica e fator religioso passaram a se relacionarem como objeto de pesquisa e método de análise. A partir daí, a possibilidade de um pensador que, querendo indagar sobre o ser humano e sua realidade, esqueça o fator religioso é extremamente baixa, posto que ele toca, direta ou indiretamente, todos os sujeitos – ainda quando ateus ou irreligiosos.

Em função disso, mesmo aqueles que não escreveram explicitamente sobre a religião fazem menção a ela. Esse é o caso de Albert Camus que, apesar de não ter escrito qualquer obra unicamente sobre a religião e seus segmentos, expressou-se sobre ela no decorrer de todas os seus escritos. Se o filósofo franco-argelino realizou uma filosofia da religião ela foi composta em fragmentos distribuídos por entre seus livros, anotações, entrevistas e discursos. Tal filosofia fragmentada é o objeto deste texto. De antemão, a pretensão das linhas aqui escritas é analisar alguns dos comentários camusianos acerca da religião, tentar encontrar o fio condutor que os une e elaborar uma interpretação sobre como Albert Camus, em suas obras e falas, enxergava a religião. Para tanto, o primeiro passo é observar atentamente suas principais obras.

A religião nas obras camusianas

Em sua escrita, Camus adotou como metodologia o trabalho em trípticos, isto é, ele escrevia três obras que se relacionavam entre si sob um mesmo tema fundamental. Tais trípticos são formados por um romance, uma peça de teatro e um ensaio filosófico. Essas obras unidas formam ciclos e, durante toda a sua vida, Camus escreveu dois ciclos principais: o absurdo e a revolta. Como definição rápida o absurdo é o sentimento de estranheza do ser humano diante do mundo que

o cerca; o filósofo franco-argelino coloca-o como o divórcio do homem e a realidade. O absurdo é a tomada de consciência de que não há sentido inerente à vida. No que se refere à revolta é a ação do sujeito diante do absurdo. Dito de outro modo, diante da absurdidade da vida o homem se revolta e luta o quanto pode para manter-se consciente ante as possibilidades ele possui neste mundo, na imanência. Com essas brevíssimas considerações sobre os conceitos basilares dos ciclos camusianos, pode-se analisar como a religião é apresentada neles, respectivamente.

A primeira obra do ciclo absurdo, *O estrangeiro* (1942), trata a religião em apenas duas situações durante todo enredo. No começo da história, Mersault – personagem principal – recebe um telegrama do asilo comunicando o falecimento e enterro de sua mãe. Durante a organização do funeral, Mersault descobre que sua mãe pediu algo, no mínimo inusitado para ele.

> Pensamos que o senhor [Mersault] podia, assim, fazer o velório da falecida. Uma última coisa: parece que a sua mãe expressou muitas vezes aos amigos o desejo de ter um enterro religioso. Assumi a responsabilidade de providenciá-lo, mas queria colocá-lo a par. Agradeci. Mamãe, embora sem ser ateia, nunca pensou, em vida, na religião (CAMUS, 2020a, p. 21).

Neste pequeno trecho dá-se a entender que a religião é um assunto que diz respeito a pessoas que estão se preparando para morte, envelhecidas pelo desespero de não conseguirem suportar ao absurdo da existência. Para Camus, isso se enquadra no suicídio filosófico, quando o sujeito, não suportando a disparidade entre o seu desejo de vida e a realidade da morte, tende a crer num pós-vida, renunciando a esta enquanto ainda vive.

Essa ideia retorna no fim do romance, quando Mersault, preso e condenado à morte, recebe o capelão. Para o personagem principal, nesse momento, reconhecer Deus ou uma religião não é possível. Ele é o herói absurdo, prefere aceitar o fim de sua vida, que recorrer a ideias sobre uma outra vida da qual não existe certeza de seu porvir. Isso se manifesta na fala do capelão: “Todos os que conheci no seu caso se voltaram para ele [Deus]” (CAMUS, 2020a, p. 168). Fica implícito que recorrem à religião (ou Deus) os desesperados – velhos e condenados – por uma vida que pretensamente dura eternamente. Renuncia-se a serena certeza do nada pela ilusória esperança de uma forma de vida que não é vida – em relação as certezas desta que aqui temos – esse é o pensamento de Mersault diante da proposição do capelão de que os condenados como ele aceitaram Deus no último instante antes do cadafalso cair.

A noção, aqui estabelecida, ganha força em outra obra, *O mal-entendido* (1944) quando a velha mãe pensa no gosto de uma religião e a filha lhe traz de volta a si.

> Mãe: [...] É um sonho de uma velha mulher. Só aspiro a paz, a um pouco de abandono. (*ri debilmente*). É estúpido dizer, Marta, há noites em que eu quase sentiria um gosto de religião.
> Marta: você não está velha, minha mãe, para chegar a isso. Você tem coisas melhores para fazer (CAMUS, 1962, p. 116).

Portanto, grosso modo, temos a ideia da religião preparada para acolher os sem esperanças neste mundo, àqueles que não aceitam o absurdo da curta existência nessa terra, mas possuem o sentimento de revolta para lutar contra ele.

Em *O mito de Sísifo* (1942) essa atitude de aceitação religiosa da realidade, relacionada com a esperança de uma vida futura na eternidade, é configurada numa categoria chamada por Camus de suicídio filosófico. Esse suicídio consiste na negação à consciência da absurdidade que rodeia a humanidade. Trata-se da aceitação passiva do absurdo, enquanto que a ideia que o filósofo desenvolve é de um duplo movimento de aceitação e revolta que requer atividade, e consequente consciência do sujeito. Por isso, escreve ele,

> O absurdo, que é o estado metafísico do homem consciente, não conduz a Deus. Talvez essa noção se esclareça se eu arriscar o disparate: o absurdo é o pecado sem Deus (CAMUS, 2020c, p. 71).

Sendo o Absurdo a luta do homem com o mundo em busca de um sentido, "como hipóteses de comportamento a se adotar diante do absurdo da vida, é sempre sugerida a hipóteses religiosa. Através da fé, tenta-se fornecer um modelo axiológico sobrenatural, capaz de recuperar a falta de significação do mundo e da vida humana" (MONTANO, 1998, p. 487). Contudo, já se viu que Camus tentar evitar essa hipótese como modelo pragmático, limitando-se apenas a dissertar sobre ela nos moldes teóricos de análise.

O segundo ciclo camusiano é o da revolta, que tem início com *A peste*[1] (1947). Nessa obra o escritor olha a religião por outra perspectiva. Os atos religiosos aparecem explícitos nas falas do personagem do pe. Paneloux, de modo especial em seus dois sermões pronunciados na narrativa. No primeiro sermão, o personagem do padre faz um alerta para a conversão e o bom modo de sofrer para redimir os pecados. Ele anuncia que a peste que se abateu sobre Orã é um castigo divino contra a maldade dos homens. Assim, Paneloux exclama:

> Se hoje a peste vos olha, é porque chegou o momento de refletir. Os justos não podem temê-la, mas os maus têm razão para tremer... Sim, chegou a hora de

[1] A peste relata a história da cidade de Orã que se vê assolada pela peste negra. Nessa empestação, o personagem principal, o Dr. Rieux é quem narra o cotidiano dos empestados e das consequências que a doença traz para vida particular e geral dos cidadãos da cidade.

> refletir. Pensastes que vos bastaria visitar Deus aos domingos para ficardes com os vossos dias livres (CAMUS, 2020b, p. 132. 135).

Com esse personagem, Camus expressa uma sutil visão moral da religião. Em *A peste*, o autor trabalha a partir da dualidade religiosa de bem e mal. Entretanto, ele procura estabelecer uma ética que pretende ser a-religiosa que se manifesta no personagem principal, o Dr, Rieux. Isso fica evidente pelo fato dele se perguntar sobre a possibilidade de ser santo sem a graça de Deus, isto é, se alguém, cujo a fé numa divindade não alcança, pode ser considerado um modelo de bondade para os outros indivíduos (cf. CAMUS, 2020b, p. 100).

O Dr. Rieux é na verdade um revoltado. Ele não pretende se curvar a uma divindade que tenha os atributos de todo-poderoso e sumo bem, mas que permite o sofrimento irrestrito de inocentes.

Dando continuidade às suas reflexões d'*A peste*, no ensaio filosófico *O homem revoltado* (1951) Camus expõe seu conceito de Revolta[2] verificando-o através das várias fases históricas. Ao tratar da revolta metafísica ele necessariamente passa pelos gregos antigos e suas relações com os deuses. Por isso escreve:

> As primeiras teogonias nos mostram Prometeu acorrentado a uma coluna, nos confins do mundo, mártir eterno, excluído para sempre de um perdão que se recusa solicitar. Ésquilo torna ainda maior a estatura do herói, cria-o lúcido ("nenhuma desgraça que eu não tenha previsto recairá sobre mim"), faz com que ele grite bem alto seu ódio a todos os deuses e, mergulhando-o em "um tempestuoso mar de desespero fatal", oferece-o finalmente aos raios e ao trovão: "Ah! Vejam a injustiça que suporto!". (CAMUS, 2018, p. 41)

Porém, mesmo nesse momento de fúria do titã Prometeu, não há ainda uma revolta efetiva contra a divindade, isto é, não há negação das potências transcendentais. Além do mais, "o próprio Prometeu é um semideus. Trata-se de um acerto de contas particular [com Zeus] de uma contestação sobre o bem, e não de uma luta universal entre o bem e o mal" (CAMUS, 2018, p. 42). Assim, diga-se apenas, que os antigos gregos puseram os alicerces para as possibilidades de revolta contra os seres divinos. Camus explica porque os gregos antigos ainda não poderiam se revoltar de fato da seguinte forma:

> É que a revolta metafísica implica uma visão simplificada da criação, que os gregos não podiam ter. Para eles, não haviam de um lado os deuses e de outro os homens, e sim degraus que levavam dos últimos aos primeiros. A ideia da inocência em

[2] O conceito de Revolta é muito caro para Camus, pois se configura na forma como o ser humano pode manter ainda certo sentido de vida em meio ao absurdo do mundo em que vive. Não obstante isso, ele elenca duas revoltas e expõe cada uma delas em seu livro, são elas: metafísica e histórica.

> contraposição à culpa, a visão de uma história inteira reduzida à luta entre o bem e o mal eram-lhes estranhas (CAMUS, 2018, 43).

Para o escritor é indispensável que, para ocorrer uma revolta metafísica, haja um conceito diferente de deus àquele que tinham os gregos antigos. Para isso, ele se detém a um período histórico de transição no qual começava a se fortalecer a visão de um Deus pessoal, especificamente com o Cristianismo, e os gregos mudavam a forma de enxergar o relacionamento com seus deuses, principalmente através das ideias epicureas e lucrecianas. E é com Epicuro e Lucrécio que a revolta metafísica ocidental ganha seus germes.

A maneira como Epicuro desenvolve a forma de relacionamento dos deuses com os homens é bem interessante. Ele "apresenta divindades que não tem inveja, que não odeiam, que não alimentam desejo de vingança, que não são más, que não vigiam as ações dos homens, que não acossam os viventes com a obsessão do destino, que não os torturam com a ideia da morte, que não se intrometem no mundo" (ULLMANN, 2010, p.76). Para o epicurismo os deuses não se importavam com humanidade, aliás, se acaso se importassem não seriam deuses. Assim, o filósofo descreve um "ser ditoso e imortal, nem tem preocupações ele mesmo, nem as causa a outro, de modo que não está sujeito a enfado, nem a agradecimento. Pois tais sentimentos residem todos eles em um ser débil" (EPICURO, 2012, p. 93).

O conceito de divindade para o filósofo de Samos é, portanto, o do ser beatíssimo que alcançou a ataraxia e aponia, isto é, toda a ausência de dor e sofrimento. E essa realidade seria abalada se por acaso os deuses se importassem com o destino de outros que não fossem eles mesmos. Por isso, deixariam de serem deuses e se tornariam criaturas mortais que sofrem e buscam a felicidade perfeita. Assim, "não sendo nem criadores, nem senhores, os deuses não são nada em relação a nós, ou melhor, é sua relação conosco que não é nada" (DUVERNOY, 1993, p. 62).

No entanto, Camus aprofunda essa "nenhuma relação dos deuses" com outro pensador contemporâneo de Epicuro, o romano Tito Lucrécio. Para Camus, Lucrécio aparenta ser o primeiro blasfemo; aquele que reivindica para o homem o seu destino, pois, se tudo está preparado para a morte e a infelicidade neste mundo, deve o homem dar-lhe sentido. Se Epicuro deixava os deuses à parte, Lucrécio quer, de certa maneira, retira-los de cena, e pôr os holofotes apenas sobre o ser humano e a natureza. Tal rebeldia blasfema é notada em seu elogio a Epicuro, no *De Natura*.

> Quando a vida humana, ante quem a olhava, jazia miseravelmente por terra, oprimida por uma pesada religião, cuja cabeça, mostrando-se do alto dos céus, ameaçava os mortais com seu horrível aspecto, quem primeiro ousou levantar contra ela os olhos e resistir-lhe foi um grego, um homem que nem a fama dos

> deuses, nem os raios, nem o céu com seu ruído ameaçador, puderam dominar; antes mais lhe excitaram a coragem de espírito e o levaram a desejar ser o primeiro que forçasse as bem fechadas portas da natureza. Mas triunfou para além das flamejantes muralhas do mundo, percorreu, com o pensamento e o espírito, o todo imenso, para voltar vitorioso e ensinar-nos o que não pode nascer e, finalmente, o poder limitado que tem cada coisa, e as leis que existem e o termo que firme e alto se nos apresenta. ***E assim, a religião é por sua vez derrubada e calcada aos pés, e a nós a vitória nos eleva até os céus***. (LUCRÉCIO, 1985 grifo nosso)

No pensamento lucreciano a natureza se explica por si, não precisa ir além, esperando uma resposta divina. Do mesmo modo, o ser humano não precisa recorrer a superstições impiedosas e desassossegadas, mas ele mesmo precisa encontrar a paz, longe das perturbações que são impostas por uma *gravis religio*, isto é, uma religião que oprime com pensamentos de penas e castigos merecidos aos maus no outro mundo e que, por outro lado, vê-se que o bem não é recompensado neste (cf. CAMUS, 2018, p. 46).

Assim, vê-se a blasfêmia que é entregar o ser humano a ele mesmo. Tornando-o protagonista de seu próprio destino na história, sem nada esperar acerca de uma meta-história. "O homem de Lucrécio procede a uma revolução. Ao negar os deuses indignos e criminosos, assume o seu lugar" (CAMUS, 2018, p. 47).

Camus, o blasfemo

Não é novidade colocar a filosofia camusiana como blasfema quando se trata da religião. Entretanto, é preciso atentar-se ao significado de blasfêmia e como esse conceito se atribui a Camus. De antemão é preciso considerar que blasfêmia difere do sacrilégio. Este último trata-se de retirar a divindade de seu lugar e colocar a humanidade nele, como exemplo pode-se observar a filosofia de Nietzsche. O blasfemo, ao contrário do sacrílego, não destrona a divindade, mas super-afirma a humanidade apesar da divindade. Nesse contexto o homem se sente páreo para Deus. Esse tipo de atitude é o que se vê nas obras camusianas.

Essa atitude é deslumbrada em Calígula, quando o imperador pretende se igualar aos deuses.

> Calígula: […] Provei a esses deuses ilusórios que um homem, se lhe propõe, pode exercer, sem aprendizagem, o ridículo ofício que eles desempenham.
> Escipião: Aí está a blasfêmia, Caio (CAMUS, 1962, p. 67).

O motivo dessa blasfêmia se deve em especial ao conceito de Deus vigente no Ocidente, isto é, o de um Deus amor e providência. Ao pensar o mal e dor no mundo, Camus põe em oposição os atributos divinos – resgatando o paradoxo da providência do epicurismo. "Mal e dor, são expressões

do absurdo presente na vida humana, não apenas inaceitáveis, mas também injustificados, caso se acredite na existência de um Deus amor e providência" (MONTANO, 1998, p. 480).

É tentador querer achar que a posição do filósofo seja ateísta. Contudo, essa percepção se desfaz pelas palavras do próprio Camus, que escreveu: "Muitas vezes leio que sou ateu, ouço falar do meu ateísmo. Mas essas palavras não significam nada para mim, elas não têm significado para mim. Não acredito em Deus e não sou ateu" (CAMUS, 1989, p. 128).

Em que lugar, então, enquadrar Camus e sua posição sobre Deus e a religião? Um termo ajustado para isso foi posto por Sartre que considerou a filosofia camusiana, não como ateia, mas *antiteísta* (cf. MONTANO, 1998, p. 483). Desse modo, o homem é considerado não um ser sem Deus, mas em conflito com Deus, portanto, numa posição blasfemadora.

O antiteísmo camusiano se configura em não esperar em Deus, como fazem os crentes, mas conceder ao ser humano por si mesmo as rédeas de sua vida. Isso se aplica ao momento em que homem se depara com absurdo em sua vida e, como Sísifo, constrói um sentido ele mesmo para ela. Para o filósofo franco-argelino, não cabe a Deus – ou deuses – conduzir o destino do sujeito, mas o próprio sujeito consciente da absurdidade de sua existência. Nesse momento, o sujeito absurdo, "desiludido com Deus […] não esperando mais dele a solução para os seus problemas, acusa-o e imputa-lhe todo mal do mundo" (MONTANO, 1998, p. 483).

O conceito de blasfêmia é o que sintetiza e unifica a fragmentária filosofia da religião de Albert Camus. Evidencia tal coisa, o fato desse termo ser utilizado em várias de suas obras e em cenas em que a religião está presente, mas também de maneira velada quando descrevendo ideias em seus ensaios se percebe como pano de fundo uma atitude blasfema diante de um ser considerado divino.

Considerações finais

Apesar de não elaborar um tratado ou texto específico sobre religião, Camus o faz veladamente, em geral usando a linguagem literária e ensaística; porém, isso não significa que seja isenta de filosofia. Ao contrário, em sua descrição literata da religião, o escritor traduz seu pensamento sobre esse tema nas entrelinhas das cenas e vidas de seus personagens. Isso se torna ainda mais evidente quando, consultando-se seus cadernos, compreende-se a intenção dele para com cada uma delas. Vale salientar que, nas obras de literatura, aparece uma forma subjetiva de relação com a religião, conquanto nas obras ensaístas aparece a forma intersubjetiva de relação, posto que,

no primeiro caso, o fenômeno religioso é visto sob a ótica de um personagem, enquanto a segunda, visa analisar a experiência religiosa na vida do sujeito geral dentro da sociedade e seus efeitos.

No fim das contas, resta a questão: pode-se afirmar que Camus fez filosofia da religião? É difícil responder. Primeiro porque, em sua obra, não há nada sistematicamente expresso sobre o tema; segundo, ele se limita a dar opiniões a respeito da religião, e quase sempre sobre sua própria experiência com ela – essa é a razão de serem esparsos, ele nunca pensou em escrever exclusivamente sobre a religião ou sobre uma religião absurda ou da revolta.

Mas, então, considerando o acima exposto, como é possível dizer que ele fez filosofia da religião? Ainda que com ressalvas, pode-se afirmar que ele fez, porque, apesar da sua metafísica de míope (CAMUS, 2014, p. 39) – como expressa o próprio Camus sobre sua metafísica – e seus esporádicos e fragmentários comentários à religião; ele os faz utilizando uma argumentação filosófica. Desse modo, ainda que se considere como meros elementos opinativos, no fundo são parte de um conjunto não sistematizado de conceitualização sobre a religião, exibidos às pinceladas no desenvolvimento da obra camusiana.

A posição de Camus, expressa em suas obras, é paradoxal, mas nem por isso está isenta de sentido. Na verdade, ao observar de perto se percebe uma estrutura filosófica de crença bem esclarecida e elaborada. Tal elaboração é criada para que o homem que crê de maneira camusiana – digamos assim – não recaia sobre as crenças religiosas de épocas pré-modernas, nem nas ideologias pseudo-religiosas, e até anti-religiosas, nascentes na primeira metade século XX. A atitude do escritor franco-argelino é a obstinação pela manutenção da inocência, liberdade e felicidade do ser humano na contemporaneidade.

O filósofo do absurdo não poderia ignorar esse tema tão profundamente humano que é a religião. Tanto devido sua criação em meio às aulas de catecismo (cf. TODD, 1998, cap. 1-2), quanto por sua época em que a autoridade religiosa tinha uma força ainda considerável no mundo, apesar do processo de secularização e cientificização. Talvez seja essa a razão dele ter deixado uma anotação para o final de algum romance nesses termos: “Fim da novela. - "O homem é um animal religioso", ele diz. E sobre a terra cruel caiu uma chuva inexorável” (CAMUS, 1964, p. 254).

Referências

CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. Rio de Janeiro, Record, 2020a.

_____. *A peste*. Rio de Janeiro, Record, 2020b.

_____. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro, Record, 2020c.

_____. *O homem revoltado.* Rio de Janeiro, BestBolso, 2018.

_____. *Théâtre, récits, nouvelles.* Paris, Gallimard, 1962. (Bibliotèque de la pléiade)

_____. *A guerra começou, onde está a guerra?:* cadernos – 1939-1942. São Paulo, Hedra, 2014

_____. *Carnets II:* janvier 1942 – mars 1951. Paris, Editions Gallimard, 1964.

_____. *Carnets III:* mars 1951 – decembre 1959. Paris, Editions Gallimard, 1989.

DUVERNOY, J. F. Deus é deus. in: DUVERNOY, J. F. *O epicurismo e sua tradição antiga.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993. p. 61-72.

EPICURO. *Obras completas.* Madrid, Ediciones Cátedra, 2012.

LUCRÉCIO, T. Da natureza. In: *Antologia de textos:* Epicuro et al. São Paulo, Abril Cultural, 1985. (Os pensadores)

MONTANO, Aniello. Albert Camus: um místico sem Deus. In: PENZO, Giorgio; GIBELLINI, Rosino. *Deus na filosofia do século XX*. São Paulo, Loyola, 1998.

TODD, Olivier. *Albert Camus:* uma vida. Rio de Janeiro, Record, 1998.

ULLMANN, R. A. A teologia de Epicuro**.** In: ULLMANN, R. A. *Epicuro:* o filósofo da alegria. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2010. P. 75-87.

Recebido: 29-01-2026

Aceito: 24-07-2026